

Cap. V

Vida em comum

26. Nova família

Pela graça da vocação
Deus nos reúne para viver em comum
como nova família de fé:
nos amando com a mesma caridade
com a qual Cristo nos amou
e entregou a si mesmo por nós,¹
nós formamos nEle um só coração e uma só alma²
e, santificados pelo Espírito do Senhor,
anunciamos o Reino de Deus e servimos os pobres.³

I - A Congregação

27. Irmãos na Congregação somasca

A comunhão de vida,
que brota do vínculo da profissão,
nos torna irmãos na Congregação somasca
e nos compromete a viver com fidelidade seu carisma.
Considerando-a como nossa mãe,⁴
procuramos conhecê-la e amá-la e,
para que produza frutos copiosos na Igreja,
nos oferecemos a ela com generosa disponibilidade,
prontos a partir para onde a obediência nos enviar.

28. Sacerdotes e leigos

Os nossos religiosos, sacerdotes ou irmãos leigos,
tem iguais direitos e deveres⁵
de acordo com as Constituições,
salvo quanto prescrito no direito comum.
Pela fiel colaboração de todos,
conforme a graça que Deus concede a cada um,
a Congregação recebe do Senhor
a força de crescer

¹ Jo 13,34-35; Ef 5,2; Gl 2,20

² At 4,32

³ PC 15

⁴ C1626 361

⁵ PC 15

e edificar a si mesma na caridade.¹

29. Constituições e Regras

As Constituições, integradas pelas Regras, são a norma fundamental da nossa vida. Sua fiel observância nos torna partícipes de um comum estilo de vida que reforça os vínculos da caridade, nos ajuda no caminho pessoal e comunitário para a santidade e torna fecundo o nosso testemunho. Os nossos religiosos devem observá-las em força da profissão; os superiores podem dispensar temporariamente de alguma norma disciplinar.

II - Comunidades locais

30. A Congregação e as comunidades locais

A Congregação se manifesta e se faz presente na comunidade local, onde os irmãos reunidos no nome do Senhor² são sustentados pela sua Palavra, se acolhem com caridade e simplicidade de coração, colocam tudo em comum e perseveram unânimes na oração³ e na ação apostólica.⁴

31. O caminho da comunidade local

A comunidade local não é simples executora de disposições, mas, no âmbito e no respeito das diretrizes da Congregação, promove ativamente a vida com sua própria iniciativa.

32. O Superior e os religiosos

Nossas comunidades são guiadas pelo Superior, sinal da presença de Cristo entre nós. Ele as mantenha unidas na concórdia e na ação apostólica e acolha todos os religiosos como irmãos no Senhor.⁵ Estes comportem-se com ele

¹ Ef 4,15-16 ; C1555 6

² Mt 18,20

³ At 2,42

⁴ PC 15

⁵ Ord 23

com respeito, estima e confiança e colaborem com alegria, abertura de ânimo e senso de responsabilidade.¹

Nisto seja de exemplo quem se destaca pela idade e pela doutrina.²

33. Comunidades abertas aos pobres e aos abandonados

A vida de fraternidade e de amor,
que une entre si os religiosos,
leva nossas comunidades a acolher e servir,
a exemplo do Fundador,
os pobres e os abandonados³
e a abrir-se com grande solidariedade às necessidades dos homens no meio dos quais exercem sua obra.

III - Caridade fraterna vínculo da vida comunitária

34. Valor e fruto da caridade fraterna

Nossas comunidades são chamadas
a crescer cada dia na caridade
que, movida pela fé,
leva aos irmãos,
à entrega de si mesmos.
Pelo amor fraterno,
que se alimenta no mistério da Eucaristia,
a comunidade permanece com Cristo,⁴
se enriquece com seus sentimentos⁵
e vive em regozijo cristão.⁶

35. Disposições interiores

Santificados pelo amor de Deus,
somos chamados a revestir-nos
de sentimento de misericórdia e de bondade,
de humildade, mansidão e paciência.⁷
Com grande caridade
nos acolhemos e perdoamos
e rezamos uns pelos outros.⁸

¹ Ord 24

² C1626 491

³ Na 14; C1555 7

⁴ Jo 15,17

⁵ Fl 2,5

⁶ PC 15

⁷ Cl 3,12-17; 6Cart 4, 6; Ms30 11; C1626 375

⁸ 3Cart 2

Formas características da tradição somasca

A caridade:

A. Anima as relações recíprocas

Os nossos religiosos antecipem-se no respeito recíproco, alimentem mútua estima, não se deixem levar por ponderações humanas, mas vejam em cada um, com espírito de fé, a obra do Senhor e apreciem suas virtudes e méritos.¹ Manifestem uma caridade particularmente intensa para com os irmãos idosos, cercado-os de afetuosa atenção e veneração.²

B. Inspira a conversação

Na conversação use-se grande diligência para evitar toda falta de respeito e de delicadeza e se evite tudo o que é sinal de superficialidade ou causa de divisão entre os irmãos.³ Procurem ser, pelo contrário, instrumentos de edificação, difundindo paz, serenidade e concórdia.

C. É regra de correção fraterna

A caridade de Cristo nos mova com mansidão e compreensão para com o irmão que errou ou que é motivo de mal estar na comunidade. Rezando por ele e invocando a ajuda de Deus, tratando-o com bondade e paciência, seremos instrumentos do Senhor para que seja iluminado em seu erro.⁴

D. Circunda de discrição pessoas e coisas

Use-se a devida discrição no falar com os estranhos do que se refere à nossa vida e à das pessoas da nossa Congregação.⁵ Quando por graves motivos torne-se necessário recorrer ao conselho deles, proceda-se segundo as exigências da prudência e da caridade.

IV - Momentos de vida comum

36. Atos comuns e comunhão fraterna

Momentos privilegiados na vida da comunidade, sinal e fonte de comunhão, são a oração, o trabalho, o capítulo, as refeições, os encontros fraternos. Sua atuação concreta é definida pelo capítulo local, tendo presente as disposições

¹ C1626 376

² C1626 496

³ C1626 370

⁴ 3Cart2

⁵ C1626 501, 911

dos Capítulos e dos Superiores,
com a aprovação do Superior maior competente.

A. Oração em comum

Nossos religiosos se reúnam todo dia para a oração comum nos tempos e lugares estabelecidos pelo capítulo local. Esta oração pode seguir, além das celebrações litúrgicas, também outras formas indicadas pelas Constituições.

B. Capítulo local

Nossos religiosos se reúnam periodicamente, sob a guia do Superior, para tratarem de assuntos que dizem respeito à vida da comunidade e da Congregação.

C. Refeições

Os religiosos tomem juntos as refeições, com ânimo sereno. Adaptem-se à comum alimentação, tendo porém sempre uma atenção especial à idade e a particulares condições de saúde e de trabalho.¹

D. Encontros de fraternidade

Na procura do justo descanso nossos religiosos, na medida que seus compromissos o permitam, prefiram desfrutar seu tempo livre com os irmãos, como ótimo meio para favorecer a união entre si.

E. Fidelidade e pontualidade

Todo religioso seja fiel e pontual aos atos comuns, sabendo que a fidelidade e a pontualidade são sinal da recíproca e fraterna atenção e favorecem o trabalho individual e comunitário. As eventuais ausências sejam autorizadas pelos superiores.

V - Normas para uma ordenada vida comunitária

37. Trabalho e repouso

Todo religioso contribui à vida comunitária também pelo próprio trabalho.

As várias atividades sejam sabiamente distribuídas, de forma que cada um

possa cumprir suas obrigações diárias e disponha de tempo suficiente para si e para um conveniente descanso.

Cada um defina com o Superior as formas concretas de desfrutar o tempo livre e as férias, respeitando as diretrizes gerais e as exigências da comunidade.

¹ C1626 584

A. Saída de casa e viagens

Tanto ao sair de casa como ao chegar seja avisado o Superior. Durante as viagens sejam observadas as eventuais disposições do ordinário do lugar. Precisando de hospitalidade, procure-se, de norma, em nossas casas; o hospede tenha um comportamento reservado e, na medida do possível, participe da vida comunitária.¹

38. Reserva e silêncio

Nossas casas tenham sempre uma parte reservada somente aos religiosos.
Tenham-se presentes as exigências da privacidade e do silêncio² para possibilitar que todos atendam à oração, ao estudo e ao necessário descanso. O uso dos meios de comunicação social seja moderado e prudente.

39. Hábito

Nosso hábito, sinal de consagração, seja, ao mesmo tempo, pobre e decoroso. Os religiosos o usem conforme disposições do direito comum, dos superiores e da autoridade eclesiástica local.

VI - Irmãos enfermos

40. Caridade com os religiosos enfermos

O serviço da caridade manifesta-se com especial atenção para com os irmãos enfermos;³ ainda que seja a custa de grandes sacrifícios, procure-se que nada lhes falte;⁴ o irmão gravemente enfermo seja permanentemente assistido.⁵

A. Cuidado para a vida espiritual

Reserve-se cuidados para a vida espiritual dos irmãos enfermos, confortando-os com palavras de fé e

¹ C1626 861, 876

² 1Cart 15

³ 1Cart 20

⁴ C11591 18; C1626 834

⁵ C1626 840

exortando-os a se unirem voluntariamente à paixão do Senhor.¹ Este zelo alcançará seu ponto alto na celebração do sacramento dos enfermos, à qual participe toda a comunidade.

B. Lembrança na oração

Os irmãos enfermos sejam lembrados ao Senhor sofredor e glorificado², para que lhes dê alívio e saúde. Por eles peçam-se também as orações dos religiosos das outras comunidades.

VII - Irmãos falecidos

41. Caridade para com os irmãos falecidos

O amor de Cristo une os religiosos vivos e falecidos. É nosso compromisso, além do cumprimento dos sufrágios estabelecidos pelas Regras, rezar pelos irmãos que partiram deste mundo, para que o Senhor os torne participantes da sua gloriosa ressurreição.

A. Deveres de piedade

Quando morre um religioso ou um noviço ou um agregado da Congregação, cumpra-se com amorosa diligência quanto estabelecido pelo nosso ritual e o superior comunique logo a notícia a todas as comunidades.

B. Sufrágios

Chegando a notícia da morte de um irmão, toda comunidade celebre, em comum, a liturgia própria dos falecidos, conforme o ritual. Todos os religiosos participem da Eucaristia e os sacerdotes ofereçam, quanto antes, uma santa Missa, possivelmente concelebrada.

C. Memória

Para preservar a piedosa memória dos nossos irmãos, ocorrendo a morte de um religioso, o Superior providencie que seja redigido um oportuno perfil biográfico a ser enviado a todas as casas. Seja celebrada também, todo mês, com a participação da comunidade, uma santa Missa em sufrágio de nossos religiosos, parentes, agregados e benfeitores. Cuide-se diligentemente dos túmulos dos nossos irmãos, tendo como inspiração a piedade cristã.

¹ SU 5

² SU 34

VIII - Parentes, agregados, colaboradores

42. Pessoas que participam da vida de nossas comunidades

Nossas comunidades,
unidas em seus membros e entre si pelo amor fraterno,
estreitem especiais vínculos de caridade
com aquelas pessoas
que participam, de várias maneiras, à nossa vida:
pais, parentes, agregados espirituais,
colaboradores, benfeitores,
pessoas do ambiente onde a comunidade vive e opera.

A. Pais e parentes

O chamado divino, que nos levou a deixar nossa família, suscita, para com ela, um novo vínculo de amor sobrenatural. Nossos religiosos manifestem o afeto para com seus entes queridos, de maneira especial, pela oração e para eles celebrem e mandem celebrar santas Missas. A comunidade mantenha-se unida às famílias dos irmãos e participe de suas alegrias e tristezas.

B. Agregados espirituais

A Congregação agrega espiritualmente aqueles que, em comunhão com uma de nossas comunidades, vivem no mundo modelando sua vida espiritual e apostólica ao Evangelho, conforme o exemplo de São Jerônimo. O ato de agregação compete ao Prepósito Geral após proposta motivada e escrita do Prepósito Provincial ou do Superior local. Participando dos bens espirituais da Congregação, os agregados sejam sustentados com zelo e discrição; construa-se uma verdadeira união entre eles e a família religiosa. Morrendo algum deles, a comunidade que fez pedido de agregação, celebre a Eucaristia em seu sufrágio e anote no livro das atas.

C. Colaboradores

A atividade apostólica de nossas obras exige, frequentemente, recorrermos a colaboradores externos. Sejam escolhidos com cuidado e preparados oportunamente, para que possam prestar uma ajuda eficaz. A comunidade lhes ofereça cordial acolhida e apoio em relação ao trabalho em comum.

D. Benfeitores

Aos benfeitores das nossas obras seja reservada uma profunda e concreta gratidão, e especialmente com oferecimento de orações e com a ajuda espiritual.

E. Pessoas do ambiente

Para testemunhar a amplitude da caridade evangélica, cada uma de nossas comunidades procure estar aberta ao ambiente onde vive e opera, favorecendo o mútuo intercâmbio de bens espirituais e humanos e mantendo com todos um relacionamento sereno e cordial, mesmo se prudente e reservado, conforme exigido pelo nosso gênero de vida.

Cap. VI

Oração

43. Oração e vida

Querendo viver unicamente para Deus
e fiéis ao exemplo do nosso Fundador,
que dedicava longo tempo à oração
perante Jesus Crucificado,
dispomos nossa vida
de modo a unir o ardor pelas obras
com uma intensa vida de oração.
É por ela que Deus abre os olhos de nossa cegueira¹,
para podermos enxergar que somente Ele é bom,
e nos torna dóceis instrumentos de seu Espírito.²
Perseverando unânimes na oração,
vivemos confiantes no Senhor e,
repletos de sua paz,
caminhamos na verdade por seu santo caminho.³

I - Oração litúrgica

44. Valor da oração litúrgica

Chamados à perfeita glorificação de Deus
e à santificação dos homens⁴,
damos o primeiro lugar à oração litúrgica,
na qual Cristo se doa à Igreja⁵,
nos associa à sua voz e à sua obra
e nos torna participantes do mistério da salvação.⁶

A. Rito

Na liturgia siga-se o rito romano conforme o nosso calendário, levando em conta as exigências de ordem pastoral. Todo religioso procure conhecer as riquezas espiritual do rito para favorecer em si mesmo e nos fiéis uma intensa e consciente vida litúrgica.

¹ 6Cart 6; cf Dt 29,3

² 3Cart 3

³ NsOr 17

⁴ SC 10

⁵ Ef 5,25

⁶ Hb 7,25; SC 8

B. Canto sacro

As celebrações litúrgicas, na medida do possível, sejam decorosamente acompanhadas pelo canto sacro. Este representa um tesouro da Igreja e uma valiosa ajuda para manifestar a comunhão das pessoas na oração e na alegria dos corações.¹

C. Locais de culto

Nossas igrejas e capelas são sinal do edifício espiritual, templo do Deus vivo, que todos nós, como pedras vivas, formamos.² Por isso, tudo que pertence ao culto seja guardado com muito amor e cuidado, para favorecer sempre a honra de Deus e a piedade dos fiéis.³

D. Atitudes nas celebrações

Toda ação litúrgica seja celebrada com as atitudes de fé, adoração e louvor, que animam o coração de quem serve a Deus; seja cuidadosamente preparada e brilhe por dignidade e simplicidade.⁴

45. Eucaristia

Na Eucaristia,
fundamento de toda comunidade cristã,
renovamos o memorial do supremo amor de Cristo,⁵
oferecemos-nos ao Pai⁶
e alcançamos a perfeita união com Deus e entre nós.⁷

Diariamente todos os religiosos participem
ao sacrifício eucarístico⁸
alimentando-se naquela riquíssima fonte
de fé e caridade⁹
e procurem estender para a vida
o mistério que se realiza no altar.

A. Celebração

Para expressar visivelmente a unidade do sacerdócio,¹⁰ os nossos sacerdotes, na medida do possível, concelebrem a Eucaristia.

¹ SC 112

² 1Pd 2,5

³ C1626 435

⁴ SC 28

⁵ Lc 22,19; 1Cor11,25

⁶ Rm 12,1

⁷ 1Ts 5,23; SC 47 ,48

⁸ C1626 408

⁹ 1Cor 12, 13; PC 6

¹⁰ SC 57

46. Culto eucarístico

O culto à Santíssima Eucaristia é um elemento vivo de nossa tradição. Cultivemos portanto uma peculiar devoção para com Cristo Senhor presente no sacramento eucarístico. Deste modo sentimo-nos atraídos a participar de seu sacrifício e corresponder com gratidão e amor àquele que, entregando incessantemente sua vida, alimenta e cura os membros do seu corpo.¹

A. Adoração

Conforme nossa louvável tradição, favoreça-se a adoração eucarística e as outras formas de culto eucarístico recomendadas pela Igreja.

47. Liturgia das Horas

Celebremos diariamente a liturgia das horas com atenção e devoção. Desta forma prolongamos no tempo a oração de Cristo, oferecemos a Deus o sacrifício de nosso louvor² e colaboramos à edificação da Igreja. O capítulo local defina a parte a ser celebrada em comum.³

48. Sacramento da Penitência

No sacramento da penitência experimentamos o amor misericordioso do Pai que nos concede o perdão e a paz e nos reconcilia com sua santa Igreja.⁴ Nossos religiosos dele se aproximem com freqüência e com sincero espírito de conversão; cada um tem a liberdade de escolher seu confessor.

A. Celebração

A comunidade pode escolher seu confessor, quando convenientes razões o requeiram. Para melhor expressar o aspecto comunitário do pecado e da conversão, aconselha-se que em determinados tempos

¹ Ef 5, 23

² Hb 13,15; Lc 10

³ SC 99

⁴ LG 11

do ano litúrgico, se celebre este sacramento de forma comunitária.

II - Devoção a Maria Santíssima

49. Significado e frutos da devoção a Maria

A Congregação alimenta nos religiosos
um amor filial
à Virgem Maria, Mãe de Deus.
Assim a veneramos como a mãe das graças¹
e fonte de misericórdia,
nossa esperança e amparo dos órfãos,
alegria dos aflitos e libertação dos oprimidos.
Imitando-a e invocando-a,
aumentará em nós a fé e a esperança no Senhor²
e nosso coração
se encherá de ternura e caridade
para com os pobres e necessitados.

50. Culto da Mãe de Deus

Para promover a devoção à Mãe de Deus
tanto nos religiosos como nos fiéis,
cada comunidade celebre, com particular solenidade,
as festas litúrgicas da Virgem Maria,
ilustre sua inefável missão
à luz das Escrituras e da tradição
e fomite em todos as formas de piedade
conforme os louváveis costumes de cada lugar.³
Todos os dias nossos religiosos
manifestem sua devoção à Mãe de Deus
com apropriadas formas de oração,
especialmente com a reza do santo rosário.

51. Maria, Mãe dos Órfãos

Veneramos a bem-aventurada Virgem Maria
com o título de *Mãe dos Órfãos*,
como padroeira da Congregação.
Nela buscamos renovado empenho
para uma generosa entrega à nossa missão.

A. Solenidade litúrgica

A solenidade da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe dos Órfãos, será celebrada no dia 27 de setembro. Deste título faça-se memória também aos 27 de cada mês.

¹ NsOr6

² NsOr 6; cf Cart 6

³ LG 67

III - Devoção ao Santo Fundador

52. Significado e frutos da devoção ao Santo Fundador

O Senhor manifesta em nós sua glória¹
por meio de nosso amado pai São Jerônimo.²
Cultivando uma filial devoção para com ele,
celebramos o poder de Deus
que realiza grandes coisas nos seus servos³
e participamos do espírito de santidade
que tornou o nosso Fundador
pai dos órfãos e refúgio dos pobres.

53. Culto do Fundador

Para que a devoção a São Jerônimo
seja sempre mais autêntica e fervorosa,
cada religioso procure crescer no amor por ele
mediante um renovado conhecimento
de suas obras e de seu espírito;
imite com zelo suas virtudes
e divulgue, o mais possível,
as riquezas de seu testemunho cristão.

A. Solenidade litúrgica

A festa litúrgica do Santo Fundador seja celebrada com solenidade e seja renovada, de modo especial, sua memória no dia 08 de cada mês.

IV - Orações da nossa tradição

54. Outras formas de oração

Buscando na tradição da Congregação
outras formas de oração,
tenhamos cuidado que estejam de acordo com a
liturgia e nela se inspirem.⁴

55. Meditação e leitura espiritual

Dediquemo-nos com diligência à meditação.
Nela somos introduzidos pelo Espírito do Senhor
aos tesouros de sua Palavra⁵
que, acolhida e guardada com fé,
torna-se luz e sabedoria
para conhecer os dons de Deus¹

¹ 2Cart 2;

² 2Cart 3

³ 2Cart 6

⁴ SC 13

⁵ Jo 16,13

e discernir sua vontade.²
Os nossos religiosos
dediquem-se diariamente a esta prática
durante uma hora
e procurem prolongar este tempo
conforme suas possibilidades;³
os Superiores façam com que todos estudem
e conheçam os autores espirituais
para um aprofundamento do conhecimento de Deus
e para poder orientar os outros com sabedoria.

56. Exercícios espirituais

A vontade de um encontro mais intenso com o Senhor
renova-se durante os exercícios espirituais,
momento privilegiado de escuta da Palavra de Deus
para a conversão de nossa vida.

Nossos religiosos,
deixando de lado qualquer outra atividade,
cada ano a eles se dediquem
com recolhimento e fervor.⁴

A. Retiro

*Para crescer na união com o Senhor, nossos religiosos
dediquem um tempo conveniente ao retiro espiritual
mensal.*

57. Oração pela Congregação

Confiantes na intercessão de São Jerônimo,
elevemos continuamente ao Senhor nossa oração,
para que guarde a Congregação na paz,
manifeste seu caminho
aos que Ele chama a compartilhar nossa vida.
Proteja com a sua bênção
aos que estão confiados a nossos cuidados
e cubra com sua misericórdia
os benfeitores e cooperadores das nossas obras.⁵

A. Missa pela Congregação

*Mensalmente, em nossas casas, seja celebrada e, se
fôr possível, concelebrada uma missa com a
participação da comunidade, pelo progresso espiritual
o crescimento da Congregação.⁶ Recordando o dia de*

¹ 1Cor 2,12

² Rm 12,2; cf. 6Cart

³ C1626 378

⁴ C1626 634

⁵ Cf. NsOr 10, 12, 17

⁶ C1626 429

seu natal, toda comunidade celebre missa de ação de graças no dia 29 de abril de cada ano.

B. Devoção aos Anjos da Guarda

Confiados por Deus à particular proteção dos Anjos, guardemos viva esta devoção, característica na tradição somasca. Sob à angélica proteção colocamos aqueles aos quais é dirigida nossa missão, para que experimentem sua ajuda na caminhada da vida.

58. Constantes invocações espirituais

Para obedecer ao Senhor,
que nos manda rezar sempre,¹
e fiéis ao exemplo do santo Fundador,
com contínuas invocações e súplicas
renovamos a oferta de nós mesmos
ao "Dulcíssimo Jesus",
para que nos cumule de alegria e conforto
e nos replete de liberdade e consolação.

¹ Lc 18,1

Cap. VII

Penitência e mortificação

59. Penitência

Conscientes de vivermos o dom da vocação na fragilidade da natureza humana ¹ dóceis à ação do Espírito Santo que gradualmente nos conforma à imagem do Filho, ² diariamente nos convertemos ao Senhor e carregamos atrás dEle nossa cruz. ³

60. Caminho penitencial

A purificação do coração é iluminada pela Palavra de Deus acolhida na freqüente oração perante o Crucificado; recebemos assim o dom de fazer penitência neste mundo como penhor da misericórdia eterna. ⁴ Pelo exercício voluntário da mortificação manifestamos o empenho de conversão a Deus, conversão que tem seu ápice na celebração da penitência.

61. Espírito de nossa penitência

Nosso gênero de vida não exige grandes austeridades, nem comporta excessiva mortificação, mas guia os religiosos no caminho do Senhor em verdadeira humildade, perfeita obediência e evangélica renúncia a si mesmo. ⁵

62. Empenho comunitário

Cada uma das nossas comunidades é chamada à prática da penitência vivendo em pobreza,

¹ 2Cor 4,7; Gl 5,16-17; Rm 7,23

² 2Cor 3,18

³ Mt 16,24

⁴ 6Cart 6

⁵ C1626 5

superando as seduções do mundo,
socorrendo os que se encontram na indigência,
e solidarizando-se com os sofrimentos
de quem vive oprimido pela injustiça.

63. Práticas penitenciais

Nossos religiosos observem com fidelidade
as formas penitenciais estabelecidas pela Igreja.
Conforme o espírito da liturgia
vivam a quaresma como tempo de conversão
na oração, no jejum, na caridade
e passem as sextas-feiras em especial penitência.
Assumam as formas concretas de mortificação
estabelecidas pela comunidade
seja na sexta-feira, como na quaresma.
Pratiquem também o jejum
às vésperas das festividades
do Fundador e de Maria Mãe dos Órfãos
e às vésperas do Capítulo Geral.

Formas características da tradição somasca

Nossos religiosos pratiquem a penitência:

A. Na fidelidade aos compromissos da vocação

Nossos religiosos exercitem a virtude da penitência sobretudo observando com fidelidade os compromissos de sua vocação, na operosa dedicação aos deveres diários, no espírito de sacrifício que os impulsiona a se tornarem servos de todos para ganhar todos a Cristo.¹

B. Na vida diária

Nossos religiosos pratiquem a penitência com a sobriedade na alimentação e a simplicidade dos trajes, aceitando com serenidade quanto a comunidade providencia; amem o silêncio que favorece a união com Deus e o respeito dos irmãos e sejam reservados no falar;² inspirem todo seu comportamento à modéstia, à benignidade e à humildade;³ apliquem-se inteiramente ao estudo e ao trabalho manual.

C. Nas provações físicas e morais

Pratiquem ainda a penitência aceitando com fé toda provação física e moral, como doenças, velhice, transtornos, dificuldades, contrariedades, perseguições

¹ 1Cor 9,19

² C1626 587

³ C1626 603

por causa do evangelho e de sua justiça. Unam suas dores à paixão de Cristo, oferecendo-as ao Pai em espírito de expiação e invocando a misericórdia divina sobre si, sobre a Congregação, a Igreja e todos os homens.

D. Nos últimos momentos da vida

*Nossos religiosos se unam a Jesus Salvador, que nos escolheu e é fiel em seu amor, de maneira toda especial com a oferta dos últimos instantes da vida e aceitem com fé a morte, confortados pela certeza de que estarão sempre com o Senhor.*¹

64. Exemplo de São Jerônimo

Vivamos intensamente no espírito de penitência inspirando-nos aos exemplo de São Jerônimo.

Pela mortificação voluntária

ele perseverou na conversão ao Senhor

e obteve de Deus

a graça de agir conforme sua vontade,²

não vivendo mais para si,³

mas para Cristo e para seus pobres.

Nós também,

progredindo na virtude da penitência,

a imitação de nosso Fundador e Pai,

obteremos perseverança na vocação
e participaremos da glória do Senhor.

¹ 1Ts 4,17

² 5Cart 7

³ 2Cor 5,15